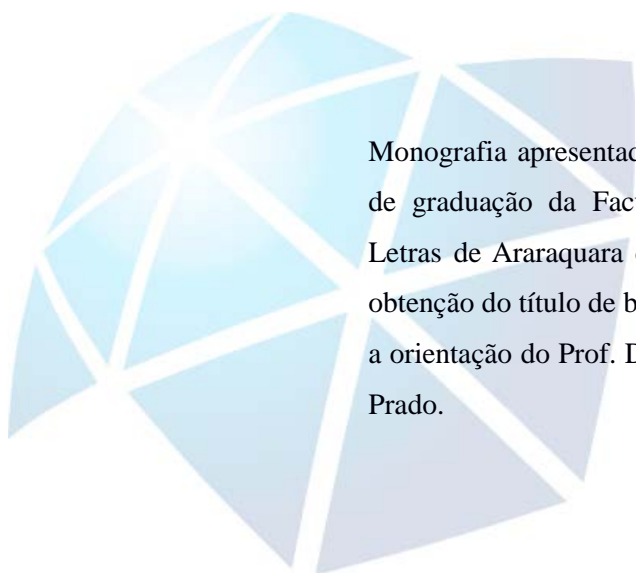


PRISCILA CRISTINA BIZÁRIO

A FIGURA DE DIDO EM VIRGÍLIO E OVÍDIO

UMA ANÁLISE DA RAINHA CARTAGINESA NA EPOPEIA E NA
ELEGIA



Monografia apresentada à diretoria do curso de graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara como requisito para a obtenção do título de bacharel em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. João Batista Toledo Prado.

ARARAQUARA – S.P.
2014

PRISCILA CRISTINA BIZÁRIO

A FIGURA DE DIDO EM VIRGÍLIO E OVÍDIO
UMA ANÁLISE DA RAINHA CARTAGINESA NA EPOPEIA E NA
ELEGIA

Monografia apresentada à diretoria do curso de graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara como requisito para a obtenção do título de bacharel em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. João Batista Toledo Prado.

ARARAQUARA
2014

RESUMO

O presente trabalho foi composto como monografia de conclusão de curso. Seu objetivo é traçar um panorama da forma como a figura da rainha Dido é composta na *Eneida*, de Virgílio, e na *Heroide 7*, de Ovídio, visando a uma comparação entre as duas construções dessa personagem, para estabelecer as semelhanças e diferenças entre elas. Desse modo, é construída a imagem que os dois escritores compuseram dessa figura tão importante para a literatura latina.

ABSTRACT

This paper has been written as monograph. Its objective is to create a scene of the way the queen Dido is constructed in Virgil's *Aeneid* and in Ovid's *Heroid 7*, aiming a comparison between the two constructions of this character, to establish their resemblances and differences. Thus we are able to build the picture that both writers composed for this so important woman for latin literature.

SUMÁRIO

1. Introdução	4
2. Dos autores e suas obras	4
3. Dido: de rainha a suicida	8
4. Dido Virgiliana	9
5. Dido Ovidiana	22
6. Os dois pensamentos: a Dido de Virgílio X a Dido de Ovídio	26
7. Conclusão	33
Bibliografia	36

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, composto como monografia de conclusão de curso, tem o objetivo de apresentar uma análise da personagem Dido, rainha de Cartago, composta por Virgílio, na epopeia latina *Eneida*, visando a uma comparação com a representação feita desta soberana pelo poeta elegíaco Ovídio, em uma das cartas que compõem as *Heroides*, obra constituída por epístolas escritas por personagens femininas da mitologia greco-romana e direcionadas a seus amados. Desse modo, traçar-se-á um panorama da construção dessa rainha nas duas obras, as características que mais a definem e o modo como foi composta nesses dois escritos quase contemporâneos.

2. DOS AUTORES E SUAS OBRAS

Autor da *Eneida*, Virgílio¹ nasceu em Andes, perto de Mântua, na Gália Cisalpina², no ano do primeiro consulado de Pompeu³. As informações de sua vida nos são conhecidas principalmente por meio da biografia do comentador Donato⁴, baseada, por sua vez, em Suetônio⁵. Teve sua educação em Cremona e Mediolanum, em Milão, tendo estudado, mais tarde, filosofia e retórica, entre outras matérias mais elevadas, constando entre seus mestres o epicurista Síron. Nunca se casou. Suas *Éclogas* foram publicadas por ele em 37 a. C. Terminou as *Geórgicas* sete anos depois, em 30 a. C., e passou os onze anos restantes de sua vida compondo a *Eneida*, sendo que, em seu

¹Informações sobre a vida de Virgílio tiradas de HARVEY, 1998, p. 514-515.

²“Na primeira metade do primeiro milênio a. C. tribos celtas migraram rumo ao oeste e ocuparam a maior parte do território conhecido hoje como França; alguns deles, voltando-se para o sueste, deslocaram-se de lá por volta de 400 a. C. para o norte da Itália e passaram a ser chamados de gauleses pelos romanos. [...] Todo o território ocupado pelos gauleses era conhecido como Gália Cisalpina” (cf. *Gália*, in: HARVEY, 1998, p. 244).

³“O grande’, filho de um dos côsules do ano de 89 a. C., adquiriu notoriedade pela primeira vez ao organizar um exército para apoiar Sula por ocasião de sua volta à Itália em 83 e por prestar serviços relevantes contra os adeptos de Mário na Sicília e na África” (cf. *Pompeu*, in: HARVEY, 1998, p. 411).

⁴“Gramático e retórico latino de meados do S. IV d. C., autor de uma ‘Ars Grammatica’ ou gramática latina que permaneceu em uso durante toda a Idade Média [...]. Donato escreveu também um comentário à obra de Terêncio que aparece, juntamente com as notas de outros comentadores, nos escólios conservados a esse comediógrafo, além de um comentário à obra de Virgílio, citado no comentário de Sérvio. Houve outro gramático chamado Donato, Tibério Cláudio Donato, que no final do S. IV escreveu ‘Interpretationes’ à ‘Eneida’” (cf. *Donato*, in: HARVEY, 1998, p. 175).

⁵“(ap. 70 d. C.-ap. 160 d. C.) Filho de Suetônio Leto, que como tribuno da 13ª Legião combateu em Bedríaco [...] dedicou-se a estudos históricos e sobre a antiguidade, e segundo se dizia teria vivido até os dias de Antonino Pio” (cf. *Suetônio*, in: HARVEY, 1998, p. 472).

último ano vivo, o poeta viajou pelo Oriente, visitando alguns dos cenários que apresentou na obra. Acabou por adoecer em Mênara e regressou à Itália, porém faleceu em 19 a. C., chegando a Brundísio. Foi sepultado em Nápoles e seu túmulo passou a receber reverências desde então.

Virgílio não tinha fé em sua própria força poética⁶. Contudo, teve reconhecimento ainda em vida. Era famoso principalmente por conta de sua posição como poeta épico, revelando a grandeza do império romano, mas sua proeminência poética decorre também da perfeição técnica de seu verso, de sua ternura e melancolia e de seu amor à natureza. Ele é o poeta que canta não só o destino de Roma, como também a beleza e a fertilidade italianas, além da religião romanas, assunto muito bem trabalhado na poesia virgiliana⁷.

A obra⁸ virgiliana da qual tratará esse trabalho consiste em uma epopeia em doze cantos, composta em hexâmetros⁹ e escrita por Virgílio durante seu retiro na Campânia, como já foi dito, nos últimos onze anos de sua vida. Segundo Harvey (1998, p. 189), o poema ficou inacabado e o próprio autor, prestes a morrer, teria ordenado que fosse destruído. Contudo, segundo Oliva Neto (2014, p. 9), uma grande expectativa cercava a publicação dessa obra, anunciada em 25 a. C. por Sexto Propércio, que, com certeza, conhecia os planos do poema. Tornou-se, após sua consagração, uma referência ética para os romanos, à semelhança das obras de Homero para os gregos.

Temos, na *Eneida* (“gestas de Eneias”), uma epopeia nacional que celebra a origem e o crescimento do império romano, cujo fundamento dá-se na lenda segundo a qual Eneias fundou uma colônia troiana no Lácio, após ter perdido a guerra de Troia e ter peregrinado com seus companheiros. Em seus livros, portanto, são narrados os últimos dias de tal cidade, seguidos pela fuga da personagem que dá título à obra, conduzindo seu pai, Anquises, e seu filho, Ascânio, com suas errâncias por mar até chegar ao território italiano, onde travaram guerra com os povos que ali viviam, relatando, por fim, a grande vitória.

Uma característica marcante dessa epopeia é a concepção da Itália como uma única nação e da história romana como um todo contínuo que vem desde sua

⁶ HARVEY, 1998, p. 514.

⁷ HARVEY, 1998, p. 515.

⁸ Informações sobre a *Eneida* retiradas de Harvey, 1998, p. 189-192, e de Oliva Neto, 2014, p. 9-65.

⁹ Diz-se de verso grego ou latino de seis pés, sendo os quatro primeiros dátilos (uma vogal longa e duas breves) ou espondeus (duas vogais longas), o quinto dátilo e o sexto espondeu. (cf. *hexâmetro*, AULETE, acesso em 5 ago. 2014).

fundação até a completa expansão do Império. Um tema de tamanha grandeza impressionou grandemente o povo romano e o tom elevado, juntamente com sua apresentação sublimada, tornam-se mais salientes graças ao delicado espírito contemplativo do autor, sua simpatia no tratamento da humanidade sofredora e sua sensibilidade com a natureza.

Depois de vermos tudo isso sobre um dos mais poetas épicos, temos Ovídio¹⁰, nascido em Sulmo, em um vale dos Apeninos, em 43 a. C. Era o segundo de dois filhos. Educou-se em Roma, junto com o primogênito do pai, Lúcio, e estudou retórica por vontade do progenitor, visando à prática do Direito, atividade em que se destacou o irmão, morto precocemente, aos dezenove anos, deixando Ovídio, como ele mesmo disse, sem metade de si (VERGNA, 1975, p. 2). Contudo, prevaleceu seu gosto pela poesia. Também estudou em Atenas e viajou, visitando a Ásia e a Sicília. Exerceu, por algum tempo, alguns poucos cargos públicos secundários em Roma. Era amigo de Horácio e Propércio e chorou a morte de Tibulo, mas conheceu Virgílio apenas de vista, encontro ainda assim muito marcante em sua vida. Graças à sua poesia, foi desde cedo muito popular nos círculos romanos em evidência. Ovídio casou-se três vezes: uma na adolescência, com uma mulher indigna dele e incapaz para os misteres matrimoniais (VERGNA, 1975, p. 2); uma segunda vez com uma mulher muito capaz, mas que pouco viveu com ele; e uma terceira vez, com uma esposa por excelência, que o acompanhou até à velhice, inclusive no exílio. Teve uma filha e dois netos. Em 8 d. C., sua rotina de vida em Roma foi interrompida por um edito imperial que o baniu para Tômis, na costa ocidental do mar negro, por causa, segundo o próprio Ovídio, da *Ars amatoria* e de um erro desconhecido (VERGNA, 1975, p. 3). Vergna especula que esse erro poderia ser, devido à intimidade que Ovídio tinha dentro da corte, o testemunho das bacanais do Imperador e de seus adultérios e incestos.

Embora tivesse alguma esperança de que sua punição fosse abrandada, o poeta acabou morrendo em Tômis em 18 d. C., após dez anos de banimento. Suas obras provavelmente foram compostas na seguinte ordem, embora ainda incerta: *Amores*, *Heroides*, *Medicamenta faciei feminae*, *Ars Amatoria*, *Remedia Amoris*, *Medea*, *Metamorphoses*, *Fasti*, *Tristia*, *Epistulae ex Ponto*. Com exceção das *Metamorfoses* e da *Haliêutica*, que são feitos em hexâmetros, todos os outros escritos de Ovídio foram compostos em versos elegíacos. Sua escrita é fluente, espirituosa e engenhosa e seus

¹⁰Informações sobre Ovídio retiradas de Harvey, 1998, p. 372-374, e de Vergna, 1975, p. 1-7.

versos e frases são nítidos. É um contador de histórias vívido e lúcido, com uma imaginação muito virtuosa e de descrições pitorescas¹¹.

As *Heroides*¹², também chamadas de *Heroidum Epistulae* (“cartas de heroínas”), são uma compilação de poemas de amor compostos em versos elegíacos na forma de cartas supostamente escritas por heroínas a seus amados. São provavelmente os trabalhos mais primordiais de Ovídio que foram preservados. Foram possivelmente escritas entre a primeira e a segunda edição dos *Amores*, quando o poeta tinha entre 24 e 28 anos de idade, após a morte de Virgílio e após a publicação, por parte de Vário e Tuca, amigos próximos do autor, da *Eneida*. A obra ovidiana foi composta em dísticos elegíacos, sendo que o primeiro verso era um hexâmetro e o segundo, um pentâmetro. Segundo Harvey (1998, p. 271), a intenção do poeta era que essa obra instaurasse um novo gênero literário, inventado por ele.

Vergna diz o seguinte a respeito da escrita de Ovídio nas *Heroides* (1975, p.7):

Ovídio sabe situar as estrelas de primeira grandeza na constelação da mitologia, exhibe-se materialmente como se os deuses deixassem o sôlio empíreo para excursionar através dos versos fascinantes de um poeta da terra, de um poeta que a terra não soube ter, de um poeta que, estando na terra, sempre viveu com os deuses.

As epístolas que compõem esses escritos são estudos do amor feitos do ponto de vista feminino, segundo observações do próprio Ovídio de casos da poesia épica e do drama gregos, de Virgílio (com Dido), de Catulo (com Ariadne) e dos poetas alexandrinos. As heroínas são apresentadas traídas ou abandonadas, caso de Djanira, Fílis, Medeia, Ariadne, Enone e Dido; desprezadas, o que é representado por Briseida; presas a um casamento odioso, situação de Hermione; punidas por seu amor, como Hipermnestra e Cánace; vítimas de uma paixão proibida, o que se mostra em Fedra; ou ansiosas pela salvação de seus maridos: Penélope e Laodamia. As personagens são cuidadosamente delineadas, mas seguem os sentimentos e a moral romanos da época do poeta e não os da idade heroica¹³.

As heroínas são as autoras nas *Heroides* e escrevem suas cartas chorando a grandeza de um amor que já não mais existe ou lamentando um outro amor. Mudam-se

¹¹ HARVEY, 1998, p. 373.

¹² Informações sobre as *Heroides* retiradas de Harvey, 1998, p. 271, Vergna, 1975, p. 7-10 e 25-28, Means, 1929, p. 41-44.

¹³ HARVEY, 1998, P. 271.

as heroínas, as amadas, mas não muda o amor. Penélope é a única exceção nesse quadro de sofredoras: é uma mulher madura que se sublima e lamenta a longa ausência do marido através do filho, incompleto com o pai ausente.

3. DIDO: DE RAINHA A SUICIDA

A personagem de que se há de tratar nesse trabalho era filha de Belo, rei de Tiro. Dido¹⁴ casou-se primeiro com Siqueu, sacerdote de Hércules, também chamado de Sicarbas, o mais rico de todos os fenícios. Contudo, com a morte de seu pai e a ascensão de Pigmalião, seu irmão, ao trono, começam seus infortúnios. O príncipe ficara ofuscado de paixão pelas riquezas do cunhado e, um dia, surpreendeu-o em sacrifício aos deuses, assassinando-o ao pé do altar. Tratou de ocultar seu crime da irmã por muito tempo, mantendo nela uma vã esperança de que seu marido retornaria. Porém Siqueu, morto covardemente e privado das honras da sepultura, apareceu a Dido como sombra em um sonho e mostrou-lhe o altar ao pé do qual fora imolado, aconselhando-a a fugir e levar consigo seus tesouros, que estavam há muito escondidos.

Uma vez desperta, Dido dissimula sua dor e prepara sua fuga, juntamente com todos que odiavam o seu tirano irmão. Parte, então, com as riquezas do marido somada às de Pigmalião. Dali, sua frota parou primeiro na ilha de Chipre, onde ela raptou cinquenta moças para sua tripulação e, então, Dido conduziu todos à costa da África, onde construiu Cartago.

Já rainha, foi pedida em casamento por Iarbas, rei da Mauritânia, mas, em respeito a Siqueu e por amor a ele, rejeitou. Contudo, ainda com medo de ser forçada por armas e pelos súditos, pediu três meses para refletir. Foi durante esse intervalo que Dido preparou seu funeral e, ao fim do tempo, apunhalou-se. Esse ato enérgico foi o responsável por dar-lhe tal nome, que significa mulher decidida, pois antes era chamada de Elisa ou Elissa.

O encontro entre Dido e Eneias, iconicamente narrado na *Eneida*, trata-se de um anacronismo de pelo menos trezentos anos que Virgílio executou para aproximar as duas figuras. Na obra virgiliana, por obra das deusas Juno e Vênus, Dido apaixonou-se por Eneias e os dois consumam esse amor. Contudo, Mercúrio pede ao herói troiano que prossiga em sua missão e ele, em segredo, prepara-se para partir. Quando descobre seus planos, a rainha confia à irmã, Ana, que não pode se consolar com a partida do

¹⁴Informações sobre Dido tiradas de COMMELIN, 2008, p. 347-348.

amado. Assim, prefere dar fim à própria vida, com a espada de seu amado, Eneias, em uma pira com todos os pertences do herói. É esse momento de agonia da cartaginesa, abandonada, que Ovídio dramatiza na forma de uma carta, a *Heroide 7*, destinada a Eneias.

4. DIDO VIRGILIANA

Dido é apresentada na epopeia virgiliana logo no primeiro canto. Covi (1964, p. 60) afirma que ela é a personagem mais bem desenhada em toda a epopeia. A primeira menção de seu nome ocorre no verso 299¹⁵, após uma ordem de Júpiter a Mercúrio para que este se assegurasse de que a rainha bem recebesse os troianos. Já nesse momento, o resalta Covi (1964, p. 57), ela já é apresentada como *fati nescia*, insciente dos fados, o que já denota seu destino. Dos versos 343 a 368¹⁶, há um breve relato de sua história, já resumida acima, de seu casamento com Siqueu e da fuga de Pigmalião, na voz de Vênus, que apresenta a rainha a Eneias antes que ele a encontre. Nesse segmento, uma expressão de Virgílio merece destaque: o autor refere-se à futura rainha cartaginesa como *dux femina facti*, o que foi traduzido por Carlos Alberto Nunes¹⁷ por “A aventura por uma mulher é chefiada”, ou, em uma tradução mais literal, “uma mulher é chefe do feito”. Nessa primeira narrativa contendo nossa personagem, já é possível perceber o tratamento que Virgílio lhe dá: coloca-a como uma mulher forte, notável e admirável por seus feitos e por ter tido a coragem de demover seu povo da tirania do irmão, fundando uma nova terra. Tudo isso é realmente digno de nota principalmente por ter sido efetuado por uma mulher e Virgílio, de fato, atribui a Dido a sua importância. Nesse pequeno relato da história da rainha, o autor traz ainda uma pequena exaltação à sua argúcia¹⁸, referindo-se à lenda grega, esclarecida em nota por Oliva Neto, de que a cidadela de Birsá teria recebido esse nome por ter sido comprada

¹⁵ “*Haec ait et Maia genitum demittit ab alto,
ut terrae, utque nouae pateant Carthaginis arces
hospitio Teucris, ne Fati nescia Dido
finibus arceret. (...)*”

“Tendo assim dito, ao nascido de Maia deu ordens precisas para que os vastos domínios da nova Cartago acolhessem os trabalhadores troianos. Não fosse impedir-lhes a entrada Dido em seus reinos, insciente dos Fados” (VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 96-97, v. 297-300).

¹⁶ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 100.

¹⁷ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 101, v. 364.

¹⁸ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 101-103, v. 367-368, nota 73.

pela cartaginesa com base no tamanho de um couro de boi. Contudo, para que a área a ser adquirida fosse a maior possível, Dido pediu que o couro fosse cortado nas tiras mais finas possíveis e, com elas, envolveu o maior espaço que conseguiu.

São muito frequentes, no primeiro canto da *Eneida*, as referências a Dido por adjetivos pátrios, exaltando suas nobres origens e colocando-a em elevadas posições, mas, principalmente, como afirma Covi (1964, p.59), intima-a ao dever com o povo como mulher pertencente àquele povo. No verso 446¹⁹, Virgílio chama-a sidônia, ao relatar sobre o templo a Juno que ela erigira, bem como no verso 613²⁰ do mesmo canto. Em 670²¹ e 714²², Dido é chamada de *Phoenissa*, fenícia, contudo, nessa segunda menção, já em contraposição a seu destino, traçado por Vênus, de amar Eneias perdidamente. Esse adjetivo pátrio é oposto a *infelix*, infeliz, mostrando qual seria o futuro da rainha daquele momento, em que fora flechada pelo Cupido, em diante.

Nos versos 496 e 497²³, temos uma descrição da majestade de Dido, referida como *pulcherrima forma*, com a forma mais bela de todas, e acompanhada de uma multidão de jovens. É assim que Virgílio descreve sua entrada no templo, momento em que é, pela primeira vez, vista por Eneias. Nas palavras de Nunes, é assim que se segue a descrição:

Como nas margens do Eurotas ou cume do Cinto vistoso
os coros Diana dirige na dança, seguida da turba
indescritível de Oréadas; pende-lhe a aljava dos ombros,
ao avançar; às demais divindades no garbo se exalta;
indescritível prazer no imo peito a Latona animava:
tal era Dido no meio dos seus, a ativar o trabalho
dos operários, ditosa a cuidar do futuro do reino²⁴.

¹⁹ “*Hic templum Iunoni ingens Sidonia Dido
condebat, donis opulentum et numine diuae,
aerea cui gradibus surgebant limina nexaeque
aere trabes, foribus cardo stridebat aenis.*”

“Nesse lugar construirá a rainha sidônia um grandioso templo de Juno, de dons opulento, com a efigie da deusa. a escadaria, de bronze; de bronze, os portais reluzentes; vigas do mesmo metal; ringem quícios nas portas de bronze” (VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 107-110, v. 446-449).

²⁰ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 120.

²¹ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 124.

²² VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 128.

²³ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 110.112.

²⁴ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 112, v. 498-504.

A rainha cartaginesa é, aqui, comparada a uma deusa, tanto por sua beleza e graça, quanto por sua majestade, digna de dar orgulho aos seus. Era admirada, exaltada, destacava-se no meio do povo, não só por ser bela, mas por ser majestosa. Farron (1980, p. 34) confirma essa análise.

É no verso 561²⁵ do primeiro canto, após a fala de Ilioneu pedindo por sua clemência e seu abrigo, que Dido manifesta-se pela primeira vez, declarando seu apoio e simpatia aos troianos, e demonstra já conhecer a fama de Eneias, além de expressar seu desejo de encontrá-lo e recebê-lo, talvez já uma premissa de seu destino amoroso com o herói troiano. É por obra de Mercúrio que a fenícia recebe bem os teucros. Contudo, Covi (1964, p. 57) afirma que não havia necessidade que o deus a fizesse receptiva a Eneias e sua frota, pois ela o seria por necessidade emocional.

Nota-se que, no verso 670²⁶, quando Dido é chamada de fenícia, temos uma intenção do autor de destacá-la dentre as outras mulheres: ela detém seu interlocutor – Eneias – com sua voz, em suas conversas, como, pode-se pensar, fá-lo-ia qualquer mulher, mas é a fenícia Dido, aquela de nobre origem, filha de Belo, ex-esposa de Siqueu, fundadora e rainha de Cartago quem o faz. Isso já mostra a importância que essa rainha terá na vida de Eneias.

É importante notar os adjetivos usados por Virgílio para se referir à rainha nesse primeiro canto, com destaque para o *laetissima* do verso 685²⁷, alegríssima, felicíssima. A personagem deleita-se com a presença do herói e de seu rebento em seu reino. Isso antes de ser atingida pela implacável flecha do Cupido. Farron (1980, p. 38-39) aponta como sua felicidade, até esse momento, é especialmente mencionada, destacando esse mesmo adjetivo. Mas é graças aos trabalhos do filho de Vênus que *infelix* torna-se seu epíteto.

Nos versos 712, 713 e 714²⁸, já temos o começo do que será a mudança de sorte da nobre cartaginesa: Virgílio, apesar de ainda referir-se a ela como *Phoenissa*, como ainda obrigada com seu povo e ainda nobre, já a diz *infelix*, pois, enganada por Vênus e seu filho, já foi atingida pela seta do Amor, pela peste que há de ser sua ruína²⁹.

²⁵ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 116.

²⁶ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 124.

²⁷ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 126.

²⁸ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 128.

²⁹A tradução de Nunes para esses três versos (no original: *Praecipue infelix, pesti deuota futurae,expleri mentem nequit ardescitque tuendo/Phoenissa, et pariter puero donisque mouetur*) consiste em: “Principalmente a rainha infeliz, já tocada da peste/que há de abrasá-la, não cansa de olhá-lo, a um só tempo abalada/pela influência do menino e os presentes então

Após esse episódio, a próxima e última referência que Virgílio faz a Dido nesse primeiro canto mostra-a como *inscia*, ignorante, inconsciente, como diz Nunes. Seu destino já está mudando e sua grandeza e majestade já estão sendo afetadas pelo sentimento. Evans (1937, p. 102) afirma que as referências nesse primeiro livro, definitivamente, já predizem a grande tragédia que há de vir no livro IV.

Durante os cantos II e III, Dido é apenas a interlocutora de Eneias na narrativa de suas aventuras desde Troia até chegar a Cartago e não aparece presentemente no texto, a não ser por três momentos em que o herói dirige-se a ela: logo no terceiro verso³⁰, quando ele diz que a rainha pede-lhe que conte seu sofrer indizível; no verso 65³¹, em que Eneias usa o imperativo *accipe*, traduzido por Nunes como “aprende”, em um conselho à fenícia para que conheça a índole dos dânaos; e no verso 506³², quando o troiano diz, nas palavras de Nunes, que “Provavelmente desejas saber o destino de Príamo”, numa referência direta de Eneias à sua interlocutora, no caso, a rainha cartaginesa. No terceiro canto, não há nenhuma referência a Dido.

Contudo, é no canto IV que teremos um maior destaque a essa personagem. Esse livro, apesar de ser o mais curto, é o mais dramático de toda a epopeia³³. É a parte da obra em que Virgílio mais se vale do elemento trágico, especialmente na segunda parte do canto, como destaca Quinn (1965, p. 21). Aqui, Dido é totalmente o centro dos interesses e o autor cria, em torno dela, o sentimento de compaixão, de acordo com Farron (1980, p. 40), não desejando criar no leitor simpatia por Eneias. Farron afirma ainda (1980, p. 43) que Ovídio, em sua *Tristia*, refere-se ao romance entre essas duas personagens como a parte mais popular de toda a *Eneida*.

O episódio começa já dizendo que a rainha está “ferida de cega paixão desde muito”³⁴. A majestosa soberana de Cartago, antes tão elevada em sua caracterização, já no primeiro verso do quarto canto está totalmente perdida. Já temos enunciado, desde o começo, o seu destino ao final dessa parte da narrativa. E isso se permanece nos versos seguintes. Ela já não consegue nem dormir, de tão inflamada que

recebidos.” Talvez a tradução de *Phoenissa* por rainha faça perder um pouco da contraposição entre a atual grandeza de Dido, comparável à de seus ancestrais, com a ruína que há de vir agora, uma vez ferida de amor. Uma proposta, sem ferir o ritmo ou o metro de Nunes, seria a substituição de “rainha” por “fenícia” de fato: Principalmente a fenícia infeliz, já tocada da peste.

³⁰ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 134, v. 3.

³¹ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 138.

³² VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 170.

³³ QUINN, 1965, p. 16.

³⁴ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 249, v. 1.

está (verso 5)³⁵. Nelson (1904, p. 414) bem afirma que Dido passou por toda a gama da paixão humana: a doce agonia de ansiar quando não estava perto dele, a confusão da alma em sua presença, a capacidade de alegrar-se quando com ele, a luz e a gratidão de sua alma. Vivia somente para ele como tinha, antes, vivido somente para Siqueu³⁶. A partir desse momento, ela abandona suas obrigações como soberana e a vida de sua cidade começa a perecer, como o mostram Nelson (1904, p. 418), Covi (1964, p. 58), Quinn (1965, p. 19) e Farron (1980, p.39). A lenta decadência de sua cidade, conforme a rainha abandona seu posto, é mais um passo em sua degradação frente ao amor que sente por Eneias.

No verso 8³⁷, Virgílio atribui-lhe o advérbio *male*, traduzido por Nunes como “ferida de morte”³⁸, e por Odorico como “turbada”.³⁹ Seu relato a Ana expressa, pela primeira vez, em suas palavras seus sentimentos por Eneias, reprimidos, ainda, pelo respeito que tem ao marido morto, ao que Ana responde que, se Dido sente-se tão abalada pelo troiano, é porque chegou a hora de entregar-se a um novo amor, depois de ter rejeitado tantos pretendentes, além de apontar as vantagens de tal união. Os argumentos da irmã convencem a fenícia, mas não porque são, realmente, convincentes, mas sim, como afirma Nelson (1904, p. 414), porque Dido queria ser convencida. Ela queria algo que acalmasse seu coração e a deixasse com a consciência tranquila para envolver-se com outro homem. A rainha não é honesta consigo mesma e isso, segundo o mesmo Nelson (ibid.) é uma de suas maiores fraquezas.

No verso 60⁴⁰, Dido novamente é referida como *pulcherrima*, formosíssima. Embora vá se entregando ao sentimento e perdendo a sanidade, a rainha jamais perde sua beleza. Enquanto ela ainda reflete sua majestade nos ritos divinais, a ferida do amor vai consumindo-a por dentro (versos 66-67)⁴¹: *Est molles flamma medullas interea et tacitum uiuit sub pectore uulnus*, enquanto isso, há chama nas tenras medulas e, silenciosa, vive a ferida sob o peito, nas palavras de Nunes, “Enquanto isso, a medula enlanguesce e no imo peito a ferida se alastra sem ser presentida”. Do verso 68 em diante⁴², Virgílio é mais direto quanto à situação da rainha: *Uritur infelix Dido*, é

³⁵ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 248.

³⁶ Tradução livre de NELSON, 1904, p. 414.

³⁷ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 248.

³⁸ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 249, v. 8.

³⁹ MARO (trad. ODORICO MENDES), 2008, p. 143, v. 8

⁴⁰ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 252.

⁴¹ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 252.

⁴² VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 252, v. 68ss.

queimada infeliz Dido. Compara-a com uma veadinha acidentalmente atingida por uma flecha, que vaga sem rumo pela floresta. De fato, assim o é a cartaginesa: ferida pela flecha do Cupido, não sabe que rumo deve tomar: oscila entre seguir esse sentimento que inflama em seu peito ou manter o respeito à memória do falecido marido. Quinn (1965, p. 17) assinala que, embora a rainha rejeitasse a ideia de um novo casamento, por ter jurado não mais unir-se a homem algum após a morte de Siqueu, sempre retorna-lhe o pensamento de que ama um corajoso guerreiro, descendente de uma grande casa, um homem de valor, portanto. Isso também a convence a entregar-se a esse amor, afinal, bem o diz Nelson (1904, p. 411), a vida dessa personagem sempre foi devotada a um ideal de masculinidade nobre. Ogle (1925, p. 625) traz outra perspectiva do porquê da atração entre a rainha e o herói, explorando o fato de que ela, através de sua simpatia e de seu esforço em fazer aos outros o que sua própria triste vida ensinou que seus sofridos corações precisavam, começa a amar esse estranho por ver que suas vidas eram tão parecidas. Mais do que tudo, a união desses dois motivos culmina na paixão que a envolve, além, é claro do elemento divinal. Mas é importante também ter em mente o que diz Evans (1937, p. 99-100): não se pode ver Dido somente como vítima da intriga de Vênus e Juno, pois o elemento humano é também muito evidente. Talvez, podemos pensar, por tudo que Virgílio evidencia nas atitudes e na personalidade da rainha, a artimanha das deusas nem seria necessária para fazê-la apaixonar-se por Eneias. Contudo, também, embora o sentimento pudesse sobrevir de um modo ou de outro, sem a intervenção divina, o amor talvez não fosse consumado, e isso é afirmado por Quinn (1965, p. 19), quando diz que, se não fosse a beleza da caça, a excitação causada pela inesperada tempestade e o acidente que separou o casal do resto dos companheiros e os levou à caverna, ela, realmente, poderia ter recuado.

Dido afasta-se de suas obrigações reais para apenas seguir seu herói troiano. Suplica-lhe a todo momento que repita suas histórias, nunca cansando-se de ouvi-lo. Já está enlouquecendo de amores. Quando aparta-se de Eneias, deseja ocupar os lugares que ele ocupou ou saciar-se embebendo-se em Ascânio. Até mesmo Juno reconhece que a rainha sofre nesse estado: em seu discurso a Vênus, propondo a união entre Dido e Eneias e a paz entre as duas deusas, refere-se à filha de Belo como *miserrima*, a mais miserável (verso 117)⁴³. Embora Ogle (1925, p. 269) afirme que Eneias realmente estava apaixonado pela cartaginesa, Evans (1937, p. 100) chama a atenção ao fato de

⁴³ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 256.

que há referências indiretas aos presentes de Eneias, ao fato de ter-se completamente esquecido de sua missão e à sua admiração pela rainha, mas não há nada que evidencie uma reciprocidade do sentimento por parte do troiano. Farron (1980, p. 35) também destaca o fato de que a paixão de Dido pelo teucro é descrita com brilho e compaixão admiráveis, mas que nenhuma menção é feita ao amor de Eneias por ela, somente pode ser comprovado seu amor paternal por Ascânio. Não há indicações de seu sentimento em toda a primeira metade do livro IV. Segundo Farron (ibid.), isso acontece porque Virgílio não tinha interesse em criar uma imagem de um Eneias sofrendo apaixonado. Mesmo depois que seu sentimento é mencionado, ele é sempre esquecido.

No verso 133⁴⁴, o autor fala que a rainha demora-se no tálamo, no leito. Nesse comportamento, podemos ver um reflexo de como Dido perde a noção de suas obrigações de rainha, pois uma soberana jamais poderia demorar-se no quarto enquanto seu povo a espera. É no verso 165⁴⁵ que Dido e Eneias encontram-se na caverna onde consumarão seu amor e onde começarão os martírios da rainha. Isso é enunciado por Virgílio no verso 169⁴⁶. A rainha julga que, comportando-se como mulher casada, inocentar-se-á da culpa por unir-se a outro homem sem as devidas cerimônias após a morte do primeiro. A partir desse momento, Dido não admite nem para si, nem para ninguém, que sua relação com Eneias seja qualquer coisa que não o casamento, o que a poupa de uma crise de consciência, da imoralidade admitida, mas não exclui a decepção que traz consigo mesma, que foi o que, segundo Nelson (1904, p. 414), em primeiro lugar, permitiu que escolhesse o caminho errado e não a salvou da humilhação e degradação. Nelson afirma ainda (1904, p. 419) que é a imoralidade dessa relação que levará a rainha à morte o que, contudo, é inconsistente com o espírito da sociedade que produziu a *Eneida*, que não condenava relações maritais após a viuvez. Ogle (1925, p. 261) também assume o ponto de vista de que a união entre os dois amantes era considerada pecado e que, por isso, a jovem é punida com a morte. Perecer era o que lhe restava, pois não devia viver na vergonha. Perdendo sua honra de mulher, perdia tudo (OGLE, 1925, p. 262). Apesar de tudo, Ogle afirma ainda (1925, p. 268) que ambos sabiam que sua união não era um casamento legítimo e que a missão de Eneias levá-lo-ia a outro lugar, mas os dois encontram felicidade no amor e esquecem-se de si mesmos.

⁴⁴ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 258.

⁴⁵ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 260.

⁴⁶ Ibid.

Tanto Eneias quanto Dido falham em seus deveres e são falsos consigo mesmos (OGLE, 1925, p. 262).

Por súplica de Iarbas, a quem chegou a notícia da união da fenícia e do troiano, causando extremos ciúmes, sentindo-se injustiçado pelos deuses, Júpiter ordena que Mercúrio lembre Eneias de sua missão e que, se não por ele, que pelo menos pela glória de seu filho, ele a retome. A imagem que o deus mensageiro vê do herói, ostentando a espada que fora presente da cartaginesa, segundo Evans (1937, p. 103), sugeriria fortemente que ele estava feliz e satisfeito no amor de Dido e inconsciente de seu destino, até ser lembrado disso por Júpiter. Isso também indicaria que ele era honesto em suas intenções de dividir com a soberana aquele reino. Tinha se esquecido de sua missão e a abandonado completamente, em prol de sua relação com a rainha, missão essa que, para Farron (1980, p. 37), fora-lhe confiada contra sua vontade e na qual não tem nenhum interesse. Fá-lo, principalmente, pode-se pensar, em prol de seu filho, pela glória que tal missão trará à sua cria. Com efeito, Eneias abandona muito facilmente seu destino tão elevado e profetizado em troca de Cartago e de Dido, mas, com a mesma facilidade, abandona Dido para retomar sua missão divina.

Diante de tal represália, o troiano volta seu pensamento à sidônia e já prevê sua reação, *reginam furentem*⁴⁷, rainha enfurecida. Nesse momento, Eneias decide preparar sua partida em segredo, pensando resolver-se com a boníssima rainha posteriormente. Mas ela apercebe-se de seus planos e fica alucinada. *Saeuit inops animi totamque incensa per urbem bacchatur*⁴⁸: fraca de espírito, enerva-se e, inflamada, erra por toda a cidade. Seu discurso ao encontrar Eneias já prediz seus planos de morte e ela própria reconhece-se *miseræ*, mísera, no verso 315⁴⁹, e *moribundam*, moribunda, no verso 323⁵⁰. O troiano lida com a retomada de sua missão, segundo Evans (1937, p. 101), de modo tipicamente masculino: busca adiá-la até o último momento, atrasando, também, a vergonha de ser covarde, pelo menos aos olhos de sua rainha, que, enquanto isso, já sentiu a situação com sua intuição e vai a ele, repreendendo-o amargamente por intencionar a fuga.

O discurso da rainha, nos versos 305-330⁵¹, mostram a intensidade de seu sentimento e revelam todo o seu íntimo naquele momento. Dido já prevê sua morte uma

⁴⁷ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 268, v. 283.

⁴⁸ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 270, v. 300.

⁴⁹ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 272.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 270.272.

vez que Eneias parta, mostra como está alucinada de amor por ele e como a consumação do ato a deixou ainda mais inflamada por tal sensação. Indigna-se com a atitude de Eneias de abandoná-la, ainda mais em dia com condições tão ruins de navegação. Acusa-o por tudo que enfrentou por ele, por ter sido difamada pelo povo, e pede-lhe que respeite sua união, pois julga-se casada com ele após a consumação sexual de seu amor. Tenta dissuadi-lo de sua decisão, mostrando os perigos que corre, uma vez que sua glória de rainha fora apagada pela má fama de sua união com o troiano e afirma ainda que se consolaria em, ao menos, ter um fruto de seu amor. Em resposta, Eneias chama-lhe “Elisa”⁵². É a primeira vez, no texto virgiliano, que aparece o nome primordial da rainha⁵³, como se o troiano apelasse para sua ingenuidade, para a mulher imatura que era ela antes de tornar-se a grande Dido. Evans (1937, p. 101) afirma que, nesse fato, há uma evidência da profundidade do sentimento do troiano, mas talvez tratar-se-á somente de um artifício argumentativo. Quando ainda era só Elisa, bem o diz Nelson (1904, p. 409), embora fosse a herdeira de uma casa real, irmã do rei, esposa do maior detentor de terras de seu povo, ainda assim, era marcada somente pelo amor que votava ao marido. É a essa mulher que Eneias apela, à mulher que, apesar de toda a riqueza e poder, ama acima de tudo. E é pela voz do troiano que a cartaginesa é totalmente despida de sua nobreza. Ele justifica, então, o motivo de sua partida como algo além de suas vontades, como ordem divina, e como destino dos teucros. Dido fica *accensa*, inflamada. Evans afirma ainda (1937, p. 102) que ela não é abalada pelas tentativas dele de convencê-la. Isso somente a faz explodir de maneira selvagem, numa confusão de sentimentos, terminando com a maldição⁵⁴:

*“Spero equidem mediis, si quid pia numina possunt,
supplicia hausurum scopulis et nomine Dido*

⁵² VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 273, v. 335.

⁵³ Elisa é um nome de origem fenício-cartaginesa e significa “contente, alegre” (cf. *Elisa*, in: GUÉRIOS, 1981, p. 109).

⁵⁴ *“Spero equidem mediis, si quid pia numina possunt,
supplicia hausurum scopulis et nomine Dido
saepe uocaturum. Sequar atris ignibus absens
et, cum frigida mors anima seduxerit artus,
omnibus umbra locis adero. Dabis, improbe, poenas.
Audiam et haec Manes ueniet mihi fama sub imos”*.

“Se os justos deuses nos ouvem, espero que um dia hás de amorte nas duras rochas sorver e que o nome de Dido mil vezes invocarás. Mesmo ausente, hei de os passos seguir-te com atros fachos, depois que minha alma dos membros a morte separe. sombra terrível, por tudo estarei. Pagar-me-ás, miserável, essa traição. Hei de ouvir teu clamor desde os Manes profundos”.

*saepe uocaturum. Sequar atris ignibus absens
et, cum frigida mors anima seduxerit artus,
omnibus umbra locis adero. Dabis, improbe, poenas.
Audiam et haec Manes ueniet mihi fama sub imos”.*

“Se os justos deuses nos ouvem, espero que um dias há de amorte nas duras rochas sorver e que o nome de Dido mil vezes invocarás. Mesmo ausente, hei de os passos seguir-te com atros fochos, depois que minha alma dos membros a morte separe. sombra terrível, por tudo estarei. Pagar-me-ás, miserável, essa traição. Hei de ouvir teu clamor desde os Manes profundos”.
(VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 276-277, v. 382-387)

No discurso seguinte, em resposta à justificativa de Eneias, versos 365 a 387⁵⁵, Dido desdiz o que primeiro dissera ao expor seus sentimentos a Ana: nega a origem divina do troiano, num ápice de sua raiva, tentando, de todo modo, desmerecê-lo da grande posição em que o colocavam e que ela própria o tinha, buscando, portanto, mostrar que ele não era o grande herói teucro que haveria de fundar a nova Troia. É uma tentativa desesperada de convencê-lo a ficar ali, com ela. É uma ironia, afirma Quinn (1965, p. 22), pois Dido rejeita a presença dos deuses no que se sabe ser obra deles. Fica claro o que diz Ogle (1925, p. 269): a rainha, como Eneias, tinha sentimentos fortes, mas, como toda mulher na *Eneida*, não conseguia controlar suas emoções na presença do troiano. É a ideia clássica da paixão que supera a razão (COVI, 1964, p. 59). A fenícia perde tanto a noção que passa a referir-se a Eneias na terceira pessoa no mesmo discurso em que ele era seu interlocutor, como em: *Num lacrimas uictus dedit aut miseratus amantem est?*, “Chegou meu pranto a abalá-lo e de mim apiedado mostrou-se?” (VIRGÍLIO, (trad. NUNES), 2014, p. 276-277, v. 370). Arrepende-se, em alta voz, de tê-lo acolhido e colocado em boa posição no reino e, em um gesto de despeito, manda-lhe partir, um gesto que é mais uma estratégia do que realmente um desapego, pois roga que morra e que, nesse dia, invoque mil vezes seu nome. Mais uma vez, Dido fala na própria morte e em como há de persegui-lo mesmo que já não mais viva. Quinn (1965, p. 23) afirma que há nesse discurso um clima *Odi et amo*: embora tenha raiva e, até mesmo, odeie aquele homem por partir, ela ainda pede que fique. Farron (1980, p. 38) mostra como os tons de Eneias e Dido são opostos nesse diálogo: ele é branco, sem emoção. Ela é dominada por paixão fervente e suas acusações são muito mais poderosas e, também, corretas. Depois de proferir tal fala, a rainha é carregada pelas amas até seu leito, pois não mais tem forças. Enquanto isso, Eneias, embora Virgílio diga que se

⁵⁵ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 276.

apiedasse dela, continua os preparativos. O poeta, então, é quem tem piedade da sidônia, como pode-se ver nos versos abaixo:

*Quis tibi tum, Dido, cernenti talia sensos
quosue dabas gemitus, cum litora feruere late
prospiceres arce ex summa, totumque uideres
misceri ante óculos tantis clamoribus aequor?*

A esse espetáculo, Dido, quais foram os teus pensamentos, quantos gemidos soltavas, ao veres do cimo das torres do teu palácio animarem-se as praias com o estranho alarido daquela turba, de envolta com o surdo marulho lá longe?⁵⁶

Nos versos 416 a 436⁵⁷, temos uma nova fala de Dido, dessa vez, dirigida à irmã, Ana, suplicando a ela, por sua confiança, que diga a Eneias para esperar que os ventos abrandem: *expectet facilemque fugam uentosque ferentes* – verso 430⁵⁸, pois, assim, a rainha poderá acostumar-se à ideia de perdê-lo. Ana cumpre o desejo da irmã, mas nada abala o pio Eneias. Mais uma vez, Dido é *infelix*, percebendo como o destino estava contra ela. Seus atos e pensamentos então, segundo nota de Oliva Neto, assumem ares de tragédia⁵⁹. Ela começa a perceber maus presságios em tudo e a culpa por ter traído o marido morto começa a consumir-lhe mais do que nunca. Nelson (1904, p. 416) afirma que a sugestão de morte a envolvia, pois os líquidos sagrados tornaram-se sangue; o canto da coruja parecia o lamento de sua própria alma; os augúrios que, há alguns meses, tinham-na cegado, agora reinterpretavam sua dor e pareciam sinais de morte. Dido percebe-se delirante e decide morrer: *Ergo ubi concepit furias euicta dolore decreuitque mori*⁶⁰ – Assim, quando percebeu os delírios, derrotada pela dor, decidiu morrer. Convence sua irmã de que, por orientação de uma vidente, deveria queimar todos os pertences de Eneias para dele esquecer-se e, assim, faz com que a própria consanguínea prepare a pira sobre a qual se matará. Esse pedido, afirma Quinn (1965, p. 24), dá a nossa heroína o tempo de que precisa para preparar os planos que deseja executar. No verso 529⁶¹, Virgílio torna a chamar Dido de fenícia, depois de ter evitado os adjetivos pátrios por todo o canto IV. Isso talvez seja uma ironia, pois, mais do que nunca, Dido não assume seus deveres com seu povo. Pelo contrário, agora, abdica deles

⁵⁶ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 278-279, v. 408-411.

⁵⁷ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 280.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 283, nota 83.

⁶⁰ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 284, v. 474-475.

⁶¹ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 288.

totalmente, embora, para Farron (1980, p. 38), a rainha sinta, real e profundamente, suas obrigações. Ou talvez, então, seja sua nobreza que a impele a tomar essa última decisão.

Em suas reflexões, a própria rainha não vê para si nenhum outro destino senão a morte, uma vez que sua reputação fora arruinada por sua união sexual com Eneias. Agora, nenhum de seus pretendentes, que antes a tinham na maior das honras, havia de querê-la. E submeter-se a ser apenas uma prenda no navio do troiano seria rebaixar-se demais. Reconhece-se *perdita*, perdida, depravada. Anseia por encontrar um culpado para sua desgraça e acaba condenando a irmã, mas, em seu íntimo, culpa-se por ter traído Siqueu e atribui a isso a causa de sua ruína.

Enquanto Dido prepara-se para morrer, Mercúrio adverte Eneias, que dorme, a partir imediatamente, antes da Aurora, para que não se deixe vencer pela rainha. O troiano apressa-se a zarpar e a pobre fenícia avista sua esquadra distanciando-se da costa cartaginesa. Seu desvario, então, é total: até mesmo Ascânio, que antes era-lhe motivo de alegria, pela semelhança paterna, agora é visto por ela como mimado e, como Atreu⁶², a rainha deseja vingar-se servindo ao pai o próprio rebento.

No verso 610⁶³, a própria Dido chama-se de Elisa, *morientis Elissae* (de Elisa expirante): ela mesma retira de si o nome forte que lhe foi dado depois de construir seu reino e assume seu nome primordial, de mulher submissa, não mais alegre, mas sim aquela que se entregou completamente ao amor e que, por esse sentimento, mais uma vez sofre e, agora, perece. É nesse discurso pré-morte que Dido amaldiçoa Eneias e seu destino o que, sabemos, não surtirá, de todo, efeito, afinal, apesar de, realmente, o troiano enfrentar batalhas em terreno italiano, tem sucesso em conquistá-lo e não perde seu filho. Ela também proclama e prevê o futuro de guerras entre Roma e Cartago, afirmando que jamais há de se firmar aliança entre esses dois povos, e prediz ainda que há de vir seu vingador, numa alusão a Aníbal que, de fato, quase conseguiu conquistar o império legado por Eneias. Farron (1980, p. 39) traz a perspectiva de que Dido e o troiano, além de personagens humanas cuidadosamente delineadas, são também símbolos de Cartago e Roma e que Virgílio, descrevendo como a missão de Eneias derribar a cartaginesa brutalmente, está, simbolicamente, descrevendo a brutal destruição de Cartago por Roma.

Em todas as suas ações, apesar de alucinada, Dido mostra fazer jus ao nome que lhe foi dado: é sempre uma mulher decidida e o mostra a todos a sua volta, sabendo

⁶² SÊNECA. **Tiestes**. Lisboa: Editorial Verbo, 1996.

⁶³ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 294.

mascarar muito bem suas reais intenções. Convence a todos de que lançará um feitiço contra o teucro e que por isso arma tão grande evento. Ninguém desconfia de suas reais intenções e da loucura que já a domina. Apenas Virgílio conhece seu íntimo e o revela a nós em seus versos: nas suas atitudes, embora transpareça segurança e convicção, Dido está *trepida*, trêmula, e *effera*, feroz. É *furibunda*, delirante, furiosa, que sobe na pira e saca a própria espada dardânia. Nelson (1904, p. 417) afirma que Dido admite sua culpa e reconhece a justiça de seu castigo, encarando a morte com calma majestosa. Contudo, os versos virgilianos mostram o oposto: ela decide-se por esse destino, mas muito mais num ímpeto de raiva, de ódio, do que por realmente aceitar que esse é o castigo justo que lhe cabe. Antes de dar cabo à vida, a rainha relembra seus grandes feitos, como que clamando aos deuses por misericórdia de sua alma, afinal, fora uma grande mulher, uma heroína, e, não fossem as naus troianas, teria morrido na mais alta glória. Morre *inulta*, não vingada.

Como se já não bastasse tudo o que sofreu emocionalmente, por suas culpas, por sentir-se abandonada, por sentir-se perdida, Dido não morre de um só golpe. Enterra a espada em si, mas isso não é suficiente para tirar-lhe a vida. Ainda agoniza no topo da pira. É somente por piedade de Juno que sua alma é retirada do corpo e enviada ao Orco para que, enfim, descanse⁶⁴.

⁶⁴ “*Ter sese attollens cubitoque adnixa leuauit;
ter reuoluta toro est oculisque errantibus alto
quaesiuit caelo lucem ingemuitque reperta.
Tum Iuno omnipotens, longum miserata dolorem
Difficilesque obitus, Irim demisit Olympo,
Quae luctantem animam nexosque resolveret artus.
Nam quia nec Fato, merita nec morte peribat,
sed misera ante diem subitoque accensa furore,
nondum illi flauum Proserpina uertice crinem
abstulerat Stygioque caput damnauerat Orco*”

“Três vezes tenta sentar-se, apoiando-se nos cotovelos, três sobre o leito ela torna a cair. Com os olhos errantes, busca no céu a luz bela do sol e, encontrando-a, suspira. Foi quando Juno potente, apiedada de longa agonia, da sua morte penosa, a Íris rápida enviou do alto Olimpo, para soltar aquela alma do nexo pesado dos membros, visto não ser decorrente este excídio do Fado ou de culpa muito pessoal; prematura e de súbito acesso tomada, ainda Prosérpina não lhe cortara da frente o cabelo louro, nem sua cabeça votara às deidades do Inferno” (VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 300-301, v. 690-699).

Dido faz ainda mais uma aparição na *Eneida*, no canto VI, versos 450 a 476⁶⁵, quando Eneias, descido ao mundo inferior em busca do pai, encontra-a, e, vendo ser verdadeira a notícia de sua morte, tenta explicar o motivo de sua partida e condói-se de ver o que lhe causara. A rainha não diz palavra alguma. O próprio troiano a chama *infelix*, talvez o adjetivo que Virgílio mais use para descrever a pobre, que, ali, nos infernos, tem *ardentem animum*, ânimo ardente, ira, segundo Nunes. Dido não responde Eneias, apenas irrita-se com ele e afasta-se *inimica*, hostil, em direção ao primeiro marido, Siqueu, que, graças à morte, pode reencontrar e agora mima. Nesse encontro, as posições invertem-se: é Eneias quem chora e suplica e Dido quem ignora. Ela não fala, mas as referências a ela são muito eloquentes. Aqui, de algum modo, as lágrimas do passado são vingadas e também o troiano é *infelix*, segundo, Covi (1964, p. 59). Contudo, segundo Farron (1980, p. 36), ele chora não pela perda, mas por pena de seu “destino injusto”, pelo dano que lhe causou.

Virgílio constrói Dido de maneira muito elaborada e, para Nelson (1904, p. 417), ele assim o faz para que, com sua história, ensine a lição do destino, assim como tentava ensinar com a história de Eneias. Mais do que tudo, esse destino que a rainha sofre, que a leva à morte é a fortuna dos deuses, é imposto a ela pelos deuses. Virgílio, talvez, tente, assim, mostrar o poder dos divinos sobre a vida humana. Não fossem as artimanhas de Vênus, Dido até poderia apaixonar-se por Eneias, mas seu sentimento e respeito à memória de Siqueu tê-la-iam impedido de incorrer no erro que a levou ao túmulo. O poder dos deuses sobre sua vida, contudo, fê-la consumir o amor e, depois, levou de si o homem que tinha conquistado seu coração, deixando-a nessa situação de vergonha e levando-a a escolher a morte. Seria, portanto, o que diz Nelson mais adiante (1904, p. 418): as duas vidas representam duas soluções para um problema universal – o mais baixo contra o mais alto, circunstância contra destino, inclinação contra dever, humanidade contra divindade.

Não há marcação de tempo nesse livro IV, mas, segundo Quinn (1965, p. 19) o poeta quer criar a ilusão de dias que se passam sem ser notados. De fato, os acontecimentos parecem ter lugar de forma muito rápida, como se tudo acontecesse em pouco tempo, mas é tudo parte desse artifício virgiliano para criar a ilusão de dias que passam rápido.

⁶⁵ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 406-409.

Muitos dizem que Virgílio falha em fazer o caso de Eneias convincente, mas, segundo Quinn (1965, p. 21), essa não era sua intenção. Os defensores do troiano argumentam que o episódio em questão represente um conflito entre a paixão e a *pietas*, característica mais louvada no herói, de modo que Dido é uma derrota para Eneias, quando faz uma escolha egoísta, traindo seu marido morto e sua cidade. O troiano, então, decide pelo que lhe parece menos errado, magoar a rainha, ao invés do que seria mais errado: prejudicar o futuro de Roma. Isso é o que diz Farron (1980, p. 34). Ainda segundo ele, a narração foca-se totalmente em Dido.

Quando decide partir, Eneias compartilharia com seus troianos uma apreensão pelo que a cartaginesa poderia fazer a si mesma (FARRON, 1980, p. 36), mas isso não implica nenhum arrependimento por ter de abandoná-la. Em três outras ocasiões, em livros posteriores ao sexto, Dido é mencionada, com referência aos presentes que deixou ao teucro e seu filho, mas em nenhuma delas há qualquer indicação de arrependimento por parte de Eneias do que causou a ela ou, ainda, qualquer sentimento que, um dia, tenha tido. Ela é a única mulher, segundo Farron (1980, p. 37) que ele abandona sem hesitação inicial. Sabe que ela vai ir-se, sabe do que pode causar a ela, mas, em momento algum, pensa em abandonar a missão e permanecer em Cartago com ela, embora haja, como foi citado, autores que defendam que seu sentimento era, de fato, real e que ele só partiu por desígnio dos deuses. Dido é a única personagem criada por um poeta romano (FARRON, 1980, p. 44) que permaneceu mundialmente na literatura através dos séculos.

5. DIDO OVIDIANA

A carta de Dido a Eneias é a heroíde número 7 e trata-se de uma ficcionalização de uma epístola que teria sido enviada – ou, ao menos, escrita – pela rainha sidônia com destino ao troiano que lhe tirara de seu juízo. Farron (1980, p. 43) afirma que é a referência a Dido mais próxima, cronologicamente, a Virgílio, ainda fortemente influenciada pela *Eneida*, apresentando a situação completamente do ponto de vista feminino. Ogle (1925, p. 264) diz que essa carta é composta por Ovídio com a mesma visão simpática da tragédia com que Virgílio escreveu o episódio.

Trata-se de uma súplica da rainha ao dardânida, como chama seu destinatário no primeiro verso. Ela refere-se a si mesma como Elisa, despindo-se de seu título de Dido e assumindo a condição de mulher que somente ama, que vive somente

pelo homem que ama. Compara-se a um cisne, animal que, segundo Bachelard (1998, p. 37), é uma representação da mulher nua. A rainha desnuda-se na carta, expõe-se completamente, escancara todos os seus sentimentos. Esse cisne ao qual se compara entoia um canto, o que, também segundo Bachelard (1998, p. 38), tem a seguinte concepção: “(...) o canto do cisne antes da morte pode ser interpretado como as eloquentes juras do amante, como a voz cálida do sedutor antes do momento supremo, antes desse desenlace tão fatal à exaltação que é realmente uma ‘morte amorosa’”.

A carta que escreve são suas juras de amor ao troiano, sua súplica para que permaneça com ela, seu último pedido antes de entregar-se ao destino fatal. Bachelard diz ainda (1998, p. 39) que o cisne morre cantando seu desejo sexual. Nada mais apropriado ao que vemos aqui na rainha. Ela morre pedindo pela permanência de Eneias, por sua união, pela continuação da consumação de seu amor, pois, uma vez abandonada por ele, estarão findos seus encontros amorosos, além de que, com a má repercussão de seu ato, os pretendentes que antes a idolatravam, agora, desprezam-na, ou seja, se não for o troiano, a fénícia não mais encontrará outro parceiro.

Dido sabe que sua prece é em vão, pois Eneias tem um destino maior, traçado pelos deuses, e sabe bem que sua súplica vai contra a vontade de Júpiter, que mandara Mercúrio impelir o herói à partida. Porém, diante de tudo que já perdera por tão tresloucado amor, prefere tentar essas palavras, pois, no fundo, ainda acredita que poderá persuadi-lo a ficar. Crê, profundamente, que, somente se o troiano for extremamente insensível não se deixará levar pelos seus escritos.

Chama-se *miseram*, mísera, pobre, pois os mesmos ventos que guiarão as velas das naus também levarão os sentimentos e tudo que foi dito. Ironiza a missão do troiano, mostrando como ele ignorou a magnitude da cidade que, gratuitamente, lhe havia sido entregue, preferindo arriscar-se em uma terra desconhecida, com possíveis inimigos a enfrentar. Coloca em xeque o caráter de Eneias, dizendo que, na nova terra, ele encontrará novos amores e uma nova Dido, a quem abandonará da mesma maneira que a ela. E ainda que tudo se realizasse da melhor maneira possível para o teucro, quem poderia amá-lo tanto como ela o faz? Perde noites de sono com sua imagem perante os olhos e suas lembranças na mente, mas ele a ignora. Contudo, ela é *stulta*, tola, e insiste no amor não correspondido.

Dido mostra-se confusa em seus sentimentos: repreende o troiano, mas não o odeia. É mais uma vez o dilema *odi et amo*. Queixa-se de sua falta de boa-fé, mas o ama ainda mais. Suplica a piedade de Vênus, sua sogra, reconhecendo a origem divina

do amado. Seus desvarios são tão grandes que imagina que Eneias morrerá apartando-se dela, por conta da violenta tempestade que enfurece o mar, mas imagina que isso deve-se ao ódio que ele lhe tem, preferindo a morte a continuar em sua companhia. Pede que ele possa, como o vento, mudar de opinião e imagina que, ao menos que seja muito insensível, fá-lo-á depois de ler suas palavras. Julga-o também tolo por lançar-se ao mar, mesmo sabendo de todos os seus perigos, ao invés de ficar seguro, em Cartago, com ela. Suplica que ele viva, pois é melhor perdê-lo sabendo que vive do que sabendo que ele partiu para nunca mais voltar. Mais ainda: prefere ela morrer a que ele pereça.

Nos versos 72 a 74, Dido faz uma predição de como seria quando Eneias visse seu espectro: ele a veria triste e com os vastos cabelos ensanguentados e pediria, em vão, seu perdão. Pede ao troiano que poupe o pequeno Iulo e os deuses Penates de suas perfídias, removendo-os de tão arriscada viagem marítima, pois já basta o sofrimento que ele infligira a ela. A fenícia traz a seus argumentos até mesmo a figura de Creúsa e tem pena dela, culpando Eneias por sua morte, pois tê-la-ia abandonado durante a fuga de Troia. As histórias que, primeiro, comoveram a rainha e a fizeram, juntamente com a flecha do Cupido, apaixonar-se pelo troiano, agora servem-lhe de contra-argumento para quaisquer razões que ele possa dar à sua partida.

A rainha vale-se de todos os argumentos que consegue encontrar. Diz que Eneias está sendo castigado pelos deuses, pois já é o sétimo inverno desde que deixou Troia e ainda não encontrou a Itália prometida. Chama-o ingrato por partir às escondidas, depois de tê-lo recebido com tantas honras tão logo ela ouviu seu nome. Lamenta não ter aceitado somente os presentes que ele ofereceu e ter levado sua relação a um nível mais íntimo. Maldiz o momento em que se uniram na caverna e culpa-se por trair a memória de Siqueu. Lembra o templo que construiu em honra do marido falecido e diz que dali ouvi-o chamá-la. E ele a chamou por “Elisa”, seu antigo nome, nome que usava antes da morte daquele, nome pela qual ele a conhece, o nome da mulher que o amou e que se dedicou exclusivamente ao amor, a mulher que era alegre, feliz. Chama-a para junto de si, no outro mundo, ao que Dido acata, mas precisando preparar-se, pela vergonha que infundiu a sua memória.

A fenícia tenta buscar alguma justificativa para sua atração por Eneias e encontra-a no fato de sabê-lo de origem divina e de conhecer o apreço que tinha pelo pai – que não abandonou em Troia, apesar da idade e teimosia –, pensando, assim, que ele seria um bom marido, que não a abandonaria e que ela não o perderia como tinha perdido Siqueu. Em seguida, tenta mostrar ao troiano como é uma mulher forte,

resumindo sua história de luta contra o irmão que matou o marido, de como conquistou a Cartago que a ele entregou em sua chegada. Em seus argumentos, mostra como sua união com o teucro prejudicou sua reputação; como os pretendentes, que antes a idolatravam e desejavam ardentemente, agora, repreendem-na e repudiam-na, e pensa que seria mais misericordioso da parte do herói entregá-la a Iarbas, que tanto a tinha procurado. Mostra ainda o perigo que corre com a iminente chegada de Pigmalião em seu encalço.

Em mais uma tentativa desesperada de convencer o troiano, Dido diz que suas atitudes não estão honrando os Penates que tanto se esforçara por salvar. Pelo contrário, estão contaminando-os de maus valores. E é nesse ponto em que a rainha lança mão de seu maior argumento: julga-se grávida de Eneias. Contudo, já está ciente do destino que dará a si e ciente também que imporá tal pena, por consequência, à criança que carrega, mas atribui essa culpa ao troiano, que parte e a abandona para morrer e matar o irmão de Ascânio. Ironiza a ordem divina que determina a partida do herói, desejando que o deus que agora o impele a ir, outrora o tivesse impedido de ali chegar. Retoma o argumento de que, onde quer que chegue, há de enfrentar os donos daquela terra e que, se tiver sorte de encontrá-la, será somente na velhice. Tenta convencê-lo a abandonar essa ideia de buscar a Itália e ficar ali, com ela, com seu povo como dote e recebendo as riquezas de Pigmalião que ela trouxe consigo quando fugiu, instalando ali a nova Troia, argumentando que ali é uma terra onde pode haver paz, se é isso que deseja, ou guerra, se anseia por batalhas, principalmente para a glória de Iulo.

A rainha busca convencê-lo de todas as formas a ficar: se não como seu esposo, que seja como seu hóspede, mas que fique. Num desespero, pede, então, que adie a partida para um momento em que o vento esteja mais calmo e o mar mais tranquilo, pois, nesse momento, ela própria o incitará a navegar. Mais de uma vez, chama-o *perfide*, pérfido. Vasconcellos (2001, p. 259) diz que a ideia de perfídia é quase um *leitmotiv*⁶⁶, transformando Eneias em um mentiroso, que quebra sua palavra. Os erros de Eneias são exagerados por Dido para que suas acusações tomem formas maiores (VASCONCELLOS, 2001, p. 260).

A sidônia afirma explicitamente no verso 183 que, partindo Eneias, sua intenção é tirar a própria vida, *Sin minus, est animus nobis effundere vitam*⁶⁷, verso

⁶⁶“Tema que se repete no decurso de uma obra literária, envolvido de um significado que pode ter um valor simbólico ou metafórico” (cf. *leitmotiv*, in: AULETE, acesso em 28 out. 2014).

⁶⁷ VERGNA, 1975, p. 84.

enunciado na primeira pessoa do plural, trazendo novamente a imagem da criança que ela diz carregar no ventre e que, com sua morte, também perecerá. Afirma que escreve com a espada troiana em seu colo e sobre ela derrama lágrimas e já anuncia que será por ela que morrerá. Diz ainda que seu coração já se encontra ferido por Amor, reconhecendo a ação do Cupido sobre si. No final, dirige-se à irmã, Ana, pedindo que cuide de suas cinzas e que, em seu túmulo, não escreva “Elisa de Siqueu”, seu nome de mulher feliz, antes de tornar-se rainha, mas sim “Eneias ofereceu a causa da morte e a espada. A própria Dido caiu usando sua mão”, na tradução de Pinheiro⁶⁸, usando o nome que lhe fora dado após conquistar Cartago, pois, com seu ato, realmente é uma mulher corajosa.

6. OS DOIS PENSAMENTOS: A DIDO DE VIRGÍLIO X A DIDO DE OVÍDIO

Uma análise prévia e separada de cada uma dessas personagens já pode revelar um pouco de suas semelhanças e diferenças, mas essa seção será responsável por especificá-las.

Como bem o diz Nelson (1904, p. 408), além de Dido, nenhum outro personagem, a não ser Turno⁶⁹, é tão vitalmente humano. Ela vai da nobreza às profundezas da vergonha e humilhação. É fraca e, de repente, forte. Parece-se com um de nós.

A *Eneida* começa fazendo de Dido a imagem de uma mulher forte, corajosa e inteligente, exaltando-a por seus feitos ao fugir de Pigmalião e construir, sozinha, Cartago. Virgílio vale-se muito, principalmente durante o primeiro canto, dos adjetivos pátrios “sidônia” e “fenícia” para se referir à rainha, colocando-a em nobre posição ao estabelecer sua origem. Enaltece seus feitos, o modo como construiu a cidade, o templo a Juno que erigiu. É sempre chamada de *pulcherrima*, belíssima, mesmo quando já desvairada de amores. O autor chega a compará-la à própria deusa Diana, quando entra no palácio com seu séquito de jovens, tamanha sua beleza e majestade. Até que Cupido, em forma de Ascânio, faça suas artes e atinja-a com sua flecha, a rainha cartaginesa é descrita como *laetissima*, alegríssima. Contudo, a partir do momento que o filho de

⁶⁸PINHEIRO, 2010, p. 82, v. 195-196.

⁶⁹ “Rei dos rútuos e noivo de Lavínia. É um guerreiro feroso, o personagem mais corajoso do poema, e se opõe ferozmente à invasão dos troianos e à sugestão do casamento de Lavínia com Eneias. Turno foi morto por Eneias (cf. *Turno*, in: HARVEY, 1998, p. 505).

Vênus cumpre sua missão, Virgílio já passa a descrever Dido como *infelix*, o adjetivo que mais vai caracterizá-la daí por diante. No fim do primeiro canto, ela é chamada de *inscia*, ignorante, pois mal sabe o que lhe irá acontecer dali por diante.

É no canto quarto que se consolida o destino da rainha. Ela já é narrada, desde o começo, como totalmente acometida dos males do amor: insônia, insanidade, langor, ardor, emudecimento, gemido⁷⁰. A rainha nunca deixa de ser bela, apesar de acometida pela paixão, é sempre *pulcherrima*. É possível ver, nos versos virgilianos, a decadência da cartaginesa: conforme ela vai deixando-se levar pela atração que sente por Eneias, vai, cada vez mais, perdendo a noção, a sanidade, deixando de realizar suas tarefas como rainha. Enquanto ainda tem dúvidas se deve ou não se entregar ao que sente, fica mais comedida em seus atos, zela por sua reputação. Contudo, uma vez que vê, pelo auxílio de Ana, deixando-se ser convencida, as vantagens de tal união, e encontra-se em condições de consumir o ato, perde totalmente o cuidado que tinha por seu nome e entrega-se loucamente ao amor que sente.

Virgílio traz o símile da veadinha flechada acidentalmente que vaga, sem rumo, pela floresta, algo muito adequado à imagem de Dido nesse momento, ainda sem compreender seu real estado, sem compreender o sentimento que emana de seu peito, flechado pelo Cupido por estratagemas das deusas. Está tão perdida que se afasta até mesmo de suas obrigações reais para apenas seguir o troiano. Mas é após a consumação, de fato, do ato sexual que se pode observar com maior atenção a mudança de comportamento da rainha e é a partir desse encontro que começam seus martírios, relatados também na carta de Ovídio.

Uma vez unidos, de fato e no ato, Dido sente-se, de certo modo, culpada. Sente ter traído a memória de Siqueu e, para minimizar tal repreensão, passa a comportar-se como já casada com Eneias. Nunca admite, como já foi dito, que sua relação fosse nada menos que o casamento. Isso é, talvez, uma das maiores causas de tanto sofrimento com sua partida: a crença de que sua relação era algo bem maior do que realmente teria sido. Apesar de agir como casada, no fundo, sabia da imoralidade de sua relação e de como tinha traído a memória de seu marido e sua cidade, por isso, também, sofre.

⁷⁰ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 249, nota 1; p. 253, nota 16; p. 255, nota 18.

No primeiro discurso que Dido faz a Eneias, logo que descobre seus planos de partir em segredo (versos 305-330⁷¹), ela o chama de “pérfido”, termo recorrente no modo como dirige-se a ele desse momento em diante. Acusa-o por não recusar o modo como tão bem o recebeu e ir embora às escondidas e repreende-o por preparar-se para singrar os mares em tempo tão ruim. Diz ainda que, se ele não estivesse em busca de novas terras e se Troia ainda existisse, ele não hesitaria em voltar para lá. Tenta persuadi-lo, mostrando como será prejudicada se for abandonada e suplicando para que não desfaça o lar que montaram juntos, já que considera que a união sexual foi como um matrimônio. Mostra como ela se tornou odiada justamente por ter se unido a ele e como o será ainda mais quando o povo a vir abandonada, sendo destino pior somente ser encontrada por Pigmalião ou entregue a Iarbas. Diz que seria mais feliz se, ao menos, tivesse consigo um filho.

No segundo discurso, em resposta à justificativa enéada de que sua viagem é missão divina (versos 365-387⁷²), Dido já está completamente inflamada de raiva contra o troiano: nega totalmente sua origem divina, que antes tinha reconhecido à irmã. Arrepende-se de tê-lo recebido tão bem e de ter salvado seus marujos. Ironiza, mandando-o partir, mas desejando que morra invocando seu nome e dizendo que, há de segui-lo e que, mesmo ausente, ele há de lhe pagar pelo abandono. Seus argumentos são bem mais fortes que o do troiano e, com efeito, corretos, apesar de inflamados.

Em tamanho desvario, quando a rainha vê que, de fato, Eneias parte, briga até com os deuses, não acreditando em como seja possível, depois do que ele lhe fez, que possa partir em segurança. Não acredita no consentimento dos deuses em tal acontecimento, quando se sabe que tudo é obra das divindades. Sua ira volta-se até contra menino Ascânio, com quem antes deleitara-se justamente por assemelhar-se ao pai. Deseja matá-lo e servi-lo ao troiano. Mais que isso, deseja pôr fim à vida de toda aquela raça. Suplica aos deuses e divindades que ouçam suas preces: que Eneias morra sem chegar à terra que tanto busca, mas que, se conseguir alcançar a tão almejada Itália, que lá encontre povos guerreiros que impeçam sua entrada e o apartem do querido filho, para que morra em solidão. Nesse discurso, proclama o que será o futuro de Roma e Cartago: que nunca se estabeleça aliança entre esses dois povos e que, um dia, alguém nasça e lhe vingue, uma clara referência ao grande estadista cartaginês Aníbal.

⁷¹ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 270-273.

⁷² VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 276-279.

A contraposição entre os nomes Dido e Elisa é algo a se destacar: como já foi mencionado, Dido significa “mulher decidida” e Elisa, “contente, alegre”. A rainha realmente faz jus ao nome que lhe foi dado depois de construir Cartago, pois age em tudo como mulher decidida. Nas poucas vezes em que é chamada por Virgílio de Elisa, isso é feito numa alusão à época em que ainda não era uma mulher independente. Acima de tudo, ser chamada de “Elisa” significa retornar ao estado em que somente amava, somente vivia para o homem que amava; retornar à condição de mulher submissa, não de mulher responsável por um reino. Com a chegada de Eneias, Dido retorna, de certo modo, ao estado de “Elisa”. Fica contente com a presença do troiano, ama-o, mas também acaba tornando-se dependente dele, tanto que, ao ver-se abandonada, prefere a morte.

Quando olhamos para a figura de Dido na *Heroide 7*, temos a própria rainha chamando-se Elisa, reconhecendo essa condição de dependente a que regrediu, pois não está contente nessa situação, mas, de fato, quer voltar a sê-lo, mediante a permanência de Eneias. O símile aqui é outro: enquanto Virgílio usa a veadinha acidentalmente ferida e perdida, Ovídio vale-se da figura do cisne, que, como já foi dito, canta seu desejo sexual. A rainha canta, nessa carta, o desejo que tem por Eneias e, com argumentos racionais e emocionais, tenta convencê-lo a ficar consigo e saciar esse desejo.

Em sua caracterização, Dido não dá a si mesma muitos adjetivos: chama-se apenas *miseram*, mísera, como também aparece na obra virgiliana, e *stulta*, tola. No restante, refere-se a si mesma mais por meio de comparações do que por adjetivos, como no verso 25: *Uror ut inducto ceratae sulfure taedae*⁷³, traduzido por Pinheiro como “Ardo como os archotes de cera impregnados de enxofre”⁷⁴.

A argumentação de Dido é muito bem delineada nessa epístola, como quem pensa bem cada palavra, cada argumento que usará. Apesar de trazer argumentos emocionais, a carta é bem equilibrada se comparada aos inflamados discursos da rainha na *Eneida*.

Como nas falas que profere no canto IV, aqui a rainha também ironiza a missão do troiano, tentando mostrar-lhe como seria melhor e mais vantajoso se instalasse sua nova Troia em Cartago, cidade que já lhe tinha sido entregue. Dido também coloca em dúvida o caráter de Eneias, dizendo que ele há de se apaixonar por outra mulher, como, de fato, sabemos que acontecerá, com Lavínia, já no Lácio.

⁷³ VERGNA, 1975, p. 81, v. 25.

⁷⁴ PINHEIRO, 2010, p. 77, v. 23.

Contudo, a essa ele não abandonará, como o pensava a cartaginesa. Vemos aqui, por sua própria boca, o quanto está ferida pelo sentimento, enquanto que em Virgílio é o poeta que nos fala, pois a própria rainha não tem ideia da gravidade do que lhe acometeu. Em Ovídio, ela descreve a confusão que lhe acomete, mostra como ora odeia, ora ama.

Ao contrário do que acontece em um de seus discursos na *Eneida*, aqui, Dido não despe Eneias de sua origem divina. Pelo contrário, reconhece-a e usa-a em sua argumentação, subitamente mudando o foco de sua carta para Vênus, valendo-se da deusa também como arma para persuadir o amado. Não deseja que o troiano morra. Ao invés, teme que isso aconteça ao apartar-se dela com tamanha tempestade sobre o oceano, e julga-o tolo por querer velejar sabendo dos perigos. Comparando-o ao vento, que é inconstante, imagina que, ao ler suas palavras, desistirá de sua partida, a menos que seja muito insensível. Suplica que ele viva, pois é melhor perdê-lo sabendo-o vivo que morto.

Nos versos 72 a 74⁷⁵, Dido narra como seria quando o herói troiano a encontrasse depois de morta: vê-la-ia triste e com os cabelos ensanguentados e, em vão, clamaria por seu perdão. De fato, temos, nessa imagem, um pouco do que é retratado por Virgílio no canto VI, quando os dois encontram-se no Orco: Eneias vê a fenícia ensanguentada, marcada por sua recente ferida, e reconhece ser verdadeira a notícia que recebera de sua morte. Ela não está triste, mas irritada por sua conduta. O troiano não chega, em seu discurso, a pedir-lhe perdão, mas tenta, de todo modo, na ocasião, justificar suas atitudes. Dido, realmente, ignora-o.

Na carta, em sua argumentação, a rainha traz todos os artifícios possíveis: pede a Eneias que poupe seu filho e os deuses Penates dos riscos da viagem; acusa-o de ter também abandonado Creúsa e, por isso, tê-la perdido para o Hades; diz que suas viagens são castigo dos deuses; chama-o de ingrato; maldiz o momento em que se uniram na caverna e a traição à memória de Siqueu. Ora usando a razão, ora a emoção, Dido vai construindo seu discurso na intenção de convencê-lo, acreditando que, como já foi mencionado, somente se ele for por demais insensível não mudará de ideia lendo aquelas palavras.

Na *Eneida*, Dido chega mesmo a atribuir a culpa de tal união a sua irmã Ana, embora, em seu íntimo, saiba ser somente ela a culpada, nas *Heroides*, por outro lado, a rainha busca dentro de si alguma razão que a tenha tão intensamente atraído ao

⁷⁵ VERGNA, 1975, p. 82.

dardânio. Encontra um motivo plausível no fato de ele ser filho de uma deusa e na afeição que ele tinha ao pai e que demonstrou em suas narrativas. Viu nisso as características de um bom marido.

Em mais um argumento, a rainha mostra como sempre fora uma mulher forte, justifica o nome de Dido que recebera, resumindo sua história da fuga de Pigmalião após o assassinato do primeiro marido e de como construiu sozinha a grande Cartago; expõe-lhe como seria prejudicial para a sua reputação ser abandonada. Para Pinheiro (2010, p. 65), a rainha usa desses fatos não para retratar a majestade de suas ações, mas para enfatizar a infelicidade que lhe marcou a vida e a responsabilidade que Eneias terá nisso. Este argumento também aparece em seus discursos na *Eneida*. Contudo, nas *Heroides*, a fenícia diz que seria mais misericordioso da parte do troiano entregá-la a Iarbas, enquanto que, na obra virgiliana, esse é um de seus medos. Em ambas as obras ela teme ser encontrada pelo irmão assassino.

Na obra ovidiana, o maior apelo de Dido dá-se quando ela julga estar grávida de Eneias e usa disso como mais um artifício para convencê-lo de que seria muita maldade abandoná-la. Esse é um ponto de contraste com o texto épico, pois, nesse, a rainha cartaginesa lamenta não poder ter em seus braços um Eneias-menino a quem admirar e em quem carregasse consigo a figura paterna. Em Virgílio, a gravidez seria motivo de consolo para Dido mediante a partida do troiano. Em Ovídio, ver-se abandonada e, ainda por cima, grávida, é um motivo ainda maior para consolidar seu plano de tirar a própria vida, pois de nada adiantaria criar o filho sozinha, além de temer a reprovação do povo e de seus pretendentes.

Em ambas as obras, a rainha ironiza a missão de Eneias, não acredita que seja, de fato, ordenada pelos deuses. Julga que seja apenas um motivo inventado por ele para abandoná-la. No fundo, vê o troiano como um aproveitador, que usou de sua beleza e sensualidade para, depois, partir.

Quando constrói sua argumentação na *Heroide*, Dido retoma alguns argumentos ao longo do texto, como o fato de que Eneias será recebido como estrangeiro na terra que procura e que deverá enfrentar guerras por sua posse e também o fato de que o teucro tem Cartago, cidade rica e próspera, à sua disposição para fundar sua nova Troia. Esses pontos também são recorrentes em seus discursos na *Eneida*. Nas duas obras, também, Dido pede que o troiano adie a partida para um momento em que os ventos estejam mais propícios, pois assim tem a certeza de que ele parte em segurança e poderá acostumar-se à ideia de perdê-lo. Contudo, a Dido de Ovídio parece

reconhecer que tal paixão só pode ter sido obra do Cupido, vê-se totalmente ferida pelo Amor, que aparece grafado em letra maiúscula⁷⁶, numa clara referência ao filho de Vênus.

Embora revoltada com o abandono e a indiferença, na epístola, a cartaginesa não deseja a morte do troiano nem amaldiçoa sua raça. Pelo contrário, teme por seu destino, teme que morra partindo em tamanha tempestade, teme que seja recebido por inimigos em outra terra. Não deseja mal algum, também, ao pequeno Ascânio. Ao invés disso, estima sua glória e julga Cartago o melhor lugar para que ele se forme guerreiro. Means afirma (1929, p. 43) que a diferença nesse tratamento seria porque Ovídio escreve do ponto de vista de Dido, enquanto que Virgílio toma a visão de Eneias. Contudo, sabe-se que isso não é, de todo, correto, pois, no livro IV, o cerne do texto está na rainha cartaginesa. As emoções e sentimentos narrados são os seus. A visão de Eneias é, de fato, a parte principal do todo, mas, em especial, nesse episódio, Dido torna-se a figura principal.

Pinheiro faz uma interessante menção sobre a interpretação que Dido dá ao que ouviu de Eneias:

“(...) na epístola, Ovídio faz Dido analisar a narrativa da queda de Troia. Na *Eneida*, apenas adivinhamos a presença da rainha enquanto Eneias relembra o passado. Não reage à narrativa, só surge perante o leitor no livro 4, completamente deslumbrada por Eneias e pelo passado deste (A. 4.13-14). Na carta, pelo contrário, a rainha acusa Eneias do destino de Creúsa.” (PINHEIRO, 2010, p. 59)

Pinheiro afirma ainda (ibid.) que Dido era um empecilho no destino do troiano. Seu objetivo era a busca pelo poder e isso só poderia ser conquistado por meio do casamento com Lavínia. Por essa razão, segundo Pinheiro, todas as mulheres que lhe atravessam o caminho antes de chegar à filha de Latino devem, de algum modo, sucumbir, pois Eneias é pio e não há de abandoná-las por vontade própria. Dido, porém, é facilmente abandonada em prol da missão que Eneias deve cumprir, como se, apesar de apaixonado, como o diz Ogle (1925, p. 269), ela, realmente, estivesse atrapalhando seu caminho.

A principal diferença entre o texto de Virgílio e o texto de Ovídio é que a carta das *Heroides* pressupõe de Dido uma postura mais racional, de uma mulher que tenta fugir de suas emoções e refletir sobre o que está acontecendo, buscando os

⁷⁶ VERGNA, 1975, p. 85, v. 192: *Ille Iocus saevi vulnus Amoris habet.*

argumentos mais procedentes possíveis para persuadir o troiano. Sua argumentação é, de certo modo, organizada, não reflete a impulsividade que toma conta da rainha no canto IV da *Eneida*. Há, com certeza, pontos de contato e artifícios em comum, mas a construção do discurso feita por Ovídio é muito mais racional do que a feita por Virgílio, embora haja rompantes de emoção também na carta. A Dido virgiliana age totalmente por impulso. Embora haja momentos em que pareça raciocinar, tudo é guiado pela emoção, pelo sentimento de abandono.

O único momento, na *Eneida*, em que seria possível que a rainha escrevesse tal carta seria, talvez, após o verso 392⁷⁷, quando é conduzida, desfalecida, pelas amas ao leito, após o primeiro confronto com Eneias, quando soube de seus planos. Ali, poderia ser possível que a rainha, num momento em que se acalmasse e raciocinasse, pudesse ter ocasião para redigir aquela carta que, supomos, nunca chegou ao destino ou, de fato, foi o troiano insensível. Supondo que, nesse instante em que encontra-se no quarto, depois de ter confrontado o teucro, Dido redige a carta ficcionalizada por Ovídio, ali ela já decide seu destino, como, de fato, fica claro no texto virgiliano que se segue: a partir dali, a rainha está decidida a morrer. Encontramos, daí por diante, alguns pontos de contato, como os argumentos e as ironias. A *Heroide*, como bem diz Pinheiro (2010, p. 72) “é a reprodução dos pensamentos da rainha antes do suicídio”. Para Means (1929, p. 42), Ovídio não estimula simpatia da parte do leitor. Talvez a emotividade descontrolada dos discursos inflamados da rainha desvairada da *Eneida* causem maior comoção àquele que lê.

A maior discrepância entre os dois textos consiste no fato de, em Ovídio, Dido julgar-se grávida e, mesmo assim, preferir a morte, enquanto em Virgílio, uma gravidez seria motivo de alegria para a fenícia, como ela afirma no verso 330 da *Eneida*⁷⁸. Além disso, segundo Pinheiro (2010, p. 61), a hipótese de ser mãe, na *Heroide*, afasta a rainha de sua dignidade real, pois, na *Eneida*, tal desejo poderia relacionar-se à necessidade de sucessão, mas, na epístola, é apenas mais um argumento.

Na *Eneida*, a rainha é apresentada sob três pontos de vista: o de Virgílio, o de Eneias e o seu próprio. Nas *Heroides*, é somente ela quem constrói o discurso e sua concepção. Segundo Pinheiro (2010, p. 54), a argumentação de Dido começa por fundamentos lógicos e, à medida que avança, apela aos sentimentos que Eneias tem por Ascânio, pelos companheiros de viagem e pelos deuses Penates que carrega. O discurso

⁷⁷ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 278.

⁷⁸ VIRGÍLIO (trad. NUNES), 2014, p. 273, v. 330.

da fenícia, nessa carta, destrói completamente a imagem do Eneias pio. Como na *Eneida*, Dido o chama, por diversas vezes, de *perfide*, pérfido, questionando a imagem de pio que é construída dele durante todo o poema.

Como o diz Means (1929, p. 42), Ovídio, em geral, é completamente compreendido em Virgílio. Conhecendo a história da *Eneida*, é completamente possível entender o contexto em que se insere a epístola ficcionalizada pelo elegíaco, embora sejam consideráveis as diferenças já mencionadas. Contudo, ainda segundo Means (1929, p. 43), uma mulher à beira do suicídio dificilmente usaria uma retórica tão artificial como a apresentada na carta. Com efeito, os argumentos, embora, em sua maioria, emocionais, são bem estruturados e, de certo modo, contraditórios com os pensamentos de uma mulher que escreve com a arma de sua morte no colo. Means diz ainda (ibid.) que dificilmente o canto quarto da *Eneida*, com três vezes e meia o número de versos da *Heroide 7*, tem o mesmo número de artifícios retóricos tão inteligentes. Isso, talvez, seria um reflexo da nobreza de Dido, que acaba por sobressair na *Heroide*. Como já foi dito, a argumentação de Dido na carta é, com certeza, bem mais estruturada que seus discursos na obra virgiliana.

7. CONCLUSÃO

Sem dúvida alguma, a epístola escrita por Ovídio foi inspirada na visão que o poeta teve da rainha durante o livro IV da *Eneida*. Sua intenção foi demarcar o ponto de vista de Dido diante de toda aquela situação, mas, de fato, não reflete fielmente o estado de espírito que, segundo a épica virgiliana, a fenícia encontrava-se naquele momento. A maioria dos argumentos é comum aos dois textos e explorada mais racionalmente por Ovídio e mais emocionalmente por Virgílio. Há pontos de distinção, como já foram mencionados acima.

A Dido de Virgílio tem toda a sua história traçada, todo o seu panorama delineado, desde seu passado, narrado por Vênus a Eneias, até sua pós-morte e reencontro com Siqueu, no mundo inferior. É retratada em todas as suas nuances e passa por todos os estágios da paixão: o primeiro contato, o primeiro olhar, a flecha do Cupido (que pode ser interpretada tanto literal como figuradamente: o Cupido, de fato, flechando Dido, ou, simplesmente, o momento em que ela se apaixona), o desejo de estar cada vez mais próxima, a insônia, o langor, a felicidade da consumação, a ira do abandono, até preferir a morte a ficar sem ele. A rainha é mostrada, além disso, em sua

concepção física, sempre retratada como belíssima, com menções a seus cabelos dourados. É totalmente consumida pelo ódio por Eneias, lançando nele maldições, desejando que nunca alcance seus objetivos e dizendo coisas horríveis até mesmo a respeito de seu filho.

A representação ovidiana de Dido, por sua vez, é desenhada pela própria rainha, e mostra seu estado de espírito através de suas palavras. Vemos também nela os estágios da paixão, mas não tão minimamente delineados como em Virgílio. Apesar de irada, não se deixa levar pelo ódio. Deseja o bem do troiano e de seu filho, teme por seu futuro e pelo que pode encontrar se seguir com sua missão.

Temos, portanto, duas representações de Dido que diferem, principalmente, pelo ponto de vista que é abordado: a terceira pessoa, em Virgílio, embora haja longos trechos em que a palavra é dada à rainha, e a primeira pessoa, em Ovídio. Essas duas perspectivas permitem visualizar a sidônia de formas diferentes, por ângulos diferentes, mostrando nuances que não podem ser vistas por outros olhos a não ser os seus, embora o estilo de cada autor e o modo como estruturam a argumentação da rainha sejam bem diferentes. A caracterização de Dido, em Virgílio, é feita por meio de adjetivos, dados a ela pelo autor, de acordo com os momentos pelos quais passa e com o modo como sua personalidade reage aos acontecimentos que lhe sobrevêm. Em Ovídio, é o próprio discurso da rainha que traça sua caracterização, que mostra seu estado de espírito, revelando uma Dido diferente daquela da *Eneida*. Assim, pode-se concluir que são representadas duas rainhas diferentes nessas duas obras, tendo em vista que a cartaginesa ovidiana, como já foi mencionado, é muito mais racional que a virgiliana, revelando um equilíbrio quase impossível de acontecer tendo em vista a situação pela qual essa mulher passou na épica.

BIBLIOGRAFIA

AULETE, Caldas. **Dicionário online**. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/>>.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1982.

COMMELIN, Pierre. **Mitologia grega e romana**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

COVI, Madeline C. Dido in Vergil's Aeneid. **The Classical Journal**, Cleveland, v. 60, n. 2, p. 57-60, nov. 1964. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3294006>> Acesso em 26 ago. 2014.

EVANS, Verda Bach. A study of Dido and Aeneas. **The Classical Journal**, Cleveland, v. 33, n. 2, p. 99-104, nov. 1937. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3290701>> Acesso em 25 ago. 2014.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino português**. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

FARRON, Steven. The Aeneas-Dido episode as an attack on Aeneas' mission and Rome. **Greece & Rome**, v. 27, n. 1, p. 34-47, abr. 1980. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/642775>> Acesso em 2 set. 2014.

GONÇALVES, Jorge Miguel Tomé. O poeta, a amada e o rival: contributos para um retrato. **Classica (Brasil)**, Aveiro, n. 21.2, 2008, p. 205-220. Disponível em: <<http://revista.classica.org.br/index.php/classica/article/view/191/180>> Acesso em 29 ago. 2014.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HARVEY, Paul. **Dicionário oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

MARO, Públio Virgílio. **Eneida Brasileira**. Trad. Manuel Odorico Mendes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

MEANS, Thomas. A comparison of the treatment by Vergil and by Ovid of the Aeneas-Dido myth. **The Classical Weekly**, Wayne, v. 23, n. 6, 18 nov. 1929, p. 41-44. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4389373>> Acesso em 20 ago. 2014.

NELSON, J. Raleigh. Dido: a character study. **The School Review**, Toronto, v. 12, n. 5, p. 408-419, maio 1904. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/1075844>> Acesso em 26 ago. 2014.

OGLE, M. B. Vergil's conception of Dido's character. **The Classical Journal**, Cleveland, v. 20, n. 5, p. 261-270, fev. 1925. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3288787>> Acesso em 25 ago. 2014.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

PINHEIRO, Cristina Santos. **O percurso de Dido, rainha de Cartago, na literatura latina**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010. Disponível em: <https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/bitstream/123456789/41/1/dido_rainha_de_cartago.pdf> Acesso em 20 ago. 2014.

QUINN, Kenneth. The fourth book of the 'Aeneid': a critical description. **Greece & Rome**, v. 12, n. 1, p. 16-26, abr. 1965. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/642400>> Acesso em 26 ago. 2014.

SÊNECA. **Tiestes**. Lisboa: Editorial Verbo, 1996.

SILVA, Márcia Regina de Faria da. Ovídio e as inovações na elegia latina. **Principia**, Rio de Janeiro, n. 26, 2013, p. 99-104. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/7686/5550>> Acesso em 30 ago. 2014.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2001.

VERGNA, Walter. **Heroides**. Rio de Janeiro: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1975.

VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana: o amor, a poesia e o ocidente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.